

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Nordeste

Class.: tremembé 02

Data: 19/04/91

Pg.: _____



Os Tremembés foram os responsáveis pela construção da capela Nossa Senhora da Conceição, há 278 anos

Índio cearense comemora seu dia com dificuldade

Comemora-se hoje, o Dia Nacional do Índio. Todos os anos, nesta data, costumam vir à tona os problemas da atual política de tutela indígena e a questão irreversível da extinção do índio brasileiro. Há 491 anos do descobrimento do Brasil (segundo os historiadores), existiam aproximadamente seis milhões da civilização indígena. Atualmente restam apenas pouco mais de 300 mil da população espalhados por algumas tribos no País.

Os poucos índios que restam, pelo menos aqueles que ainda mantêm sua cultura e seus hábitos, concentram-se em grande parte na região Norte e Centro-Oeste. No Ceará, além dos remanescentes da tribo Tapebas, em Caucaia, sobrevivem em precárias condições de vida, os tremembés, em Almofala — vilarejo praiano a 200 quilômetros de Fortaleza. Uma civilização que vive amontoada em morros de praias ou às margens de rios, sofrendo ameaças constantes do homem branco.

Vivendo em casas de taipa, palhoças toscas, cerca de dezenas de descendentes dos tremembés habitam o pequeno distrito de Almofala, município de Itarema. Tidos como pacíficos catequisados pelos jesuítas em 1712 — quando estes pisaram no solo da antiga aldeia de Almofala, os tremembés, responsáveis pela construção da capela Nossa Senhora da Conceição, são hoje apenas sombra do que foram anos atrás. Isolados uns dos outros, assumindo de certa forma sua identidade étnica, eles habitam diversos lugarejos da região. Portanto, o Dia do Índio para eles significa apenas mais um dia de privações e luta para superar seus problemas, porque as autoridades, segundo os que aventuraram a procurar ajuda, ignoram todos eles.

O artesanato primitivo, a pesca no mar à procura de caranguejos e peixes, além da agricultura de subsistência e a fabricação de utensílios de palha, são os meios de subsistência da maior parte dos tremembés. Em Almofala, onde cerca de duas mil pessoas fixaram residência, poucos são reconhecidos pelo nome de sua tribo, pois, segundo eles, são discriminados pelo simples fato de serem descendentes de índios. Desta forma, torna-se difícil a identificação, já que são chamados (o que fazem questão) por seus nomes "cristãos" como os sobrenomes de Henrique e Ferreira e Oliveira.

É o caso de Sebastião Ferreira dos Santos, 66 anos, casado com "moça branca", com quem teve oito filhos. Ele faz questão de assumir sua própria identidade. Como seu Sebastião, que segundo ele é o cacique da tribo, Joana Henrique dos Santos, Geralda Benvindo de Oliveira, Raimunda do Carmo do Nascimento, Vicente Viana, João Venâncio e Francisca Marques do Nascimento são uns dos poucos remanescentes de sangue-puro da raça tremembé. Eles vivem em cabanas de palha e casebres de taipa, dizem que pouco ou quase nada lembram da vida dos seus ancestrais.

A única coisa que têm absoluta certeza é que todos os tremembés passam por uma crescente miscigenação, eles já não falam sua língua nativa, mas muitos ainda conversam os costumes e suas tradições, como participar de rituais, missas e trabalhar na agricultura e pesca. Da terra só tiram o que precisam para sobreviver. Para eles tudo o que existe debaixo da terra é valorizado e respeitado. Por isso a terra não pode ser comprada ou vendida.

OSTAPEBAS

Discriminação, indiferença e mau-trato. É essa a realidade da comunidade indígena representada pelos tapebas, que também comemoram hoje seu dia. Os problemas são antigos e causam acirradas polêmicas, principalmente a questão das terras situadas às margens do rio Ceará, habitadas por aquela comunidade. Eles são cerca de 1.000 e vivem sob estado de miséria no quilômetro 22 da BR-222, em Caucaia.

Eles fazem parte de um grupo étnico descendente de um cruzamento entre os índios tremembés, hariris e potiguaras. Reduzidos a um pequeno número, eles vivem na luta por um palmo de terra, onde sonham em construir o seu lar e implantar a sua cultura. Os tapebas, ao contrário dos tremembés, vivem constantemente denunciando a questão da violência. Apesar de todos os problemas inerentes à questão da conservação do solo, eles conservam certa unidade, além dos traços físicos eminentemente indígenas.

Acompanhando o processo de modernização, as comunidades remanescentes das duas tribos existentes no Ceará falam com tristeza dos problemas de violência sofridos pelo seu povo nas regiões de exploração de minerais do País. Eles atribuem às recentes mortes o ato de desumanidade. Portanto essas tribos — Tremembé e Tapeba — fazem parte da cultura cearense, como representante uma memória histórica que está pouco a pouco se apagando nos registros da cultura brasileira.